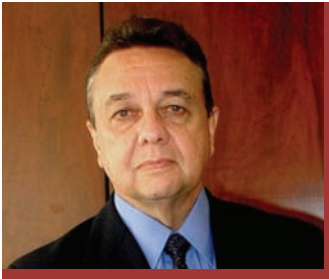


Diário de bordo

O caminho para o cerrado



Roberto Rodrigues*

EM 2008 será comemorado o centenário da imigração japonesa, que teve grande influência sobre o nosso agronegócio.

Logo no início, os japoneses introduziram dois avanços: a tecnologia em hortifrutigranjeiros e o espírito associativista. Isso permitiu a implantação dos “cinturões verdes” perto dos grandes centros urbanos, que organizou o abastecimento e regulou os preços.

Mas a mais importante contribuição dos japoneses ao agronegócio brasileiro foi o Programa de Desenvolvimento do Cerrado, nos anos 70, sob a orientação do extraordinário ministro da Agricultura Alysson Paulinelli.

Até então, a agricultura brasileira era “costeira”, não havia ainda penetrado a grande fronteira do Centro-Oeste, e o cerrado era tido como impróprio para práticas agrícolas, pela sua “pobreza” em nutrientes e baixa capacidade de retenção de água.

Os trabalhos da Embrapa no Cpac começaram a mostrar o potencial desse imenso território para o setor rural, mas foi o Prodecet que levou à conquista da gigantesca área de 110 milhões de ha, superior à de muitos países europeus somadas (França e Espanha, por exemplo).

Com recursos do Japão e do governo brasileiro, foi criada a Campo, companhia binacional encarregada de encontrar e comprar áreas do cerrado onde, por intermédio de cooperativas pré-existent

e bem-sucedidas, seriam assentados produtores capacitados e que receberiam assistência técnica e crédito para tocar sua atividade. Era um modelo de “reforma agrária capitalista”, uma vez que o tamanho da propriedade individual era definida em função da capacidade de renda.

Os resultados foram extraordinários, e abriram aos investidores brasileiros a perspectiva de conquistar o Centro-Oeste, dando origem a cidades hoje importantes na região, irrigando com riqueza e empregos a nossa fronteira, e permitindo a ocupação racional do nosso território.

Os números falam por si. Ao longo de 30 anos de trabalho do Prodecet, foram abertas 21 áreas em 7 estados: Bahia, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Tocantins. Por meio do Prodecet, cerca de 370 mil ha se incorporaram à produção, tendo gerado, segundo dados disponíveis até 2004, 7,85 milhões de t de grãos, com ênfase na soja.

Mas a produção prevista nos projetos é de 650 mil toneladas/ano e 758 colonos oriundos de 20 cooperativas com seus familiares e agregados, realizaram essa proeza, rasgando estradas, levando civilização ao sertão e criando 20 mil empregos diretos e mais de 41 mil indiretos, além de construir uma rede de armazéns com capacidade para 2,25 milhões de tonelada.

Foram gerados US\$ 30 milhões em impostos, mais que suficiente para pagar os investimentos feitos pelo governo que, em mais de uma ocasião, no passado, não cumpriu adequadamente seus compromissos com o Japão nesse programa.

O fato, porém, é que o Prodecet mostrou o caminho para o cerrado, que hoje tem 20 milhões hectares incorporados à nossa área produtiva.

Café, leite, irrigação, pecuária de corte, fruticultura são outros produtos e atividades que o programa levou ao cerrado, sempre introduzindo tecnologias novas, sempre com as cooperativas liderando o processo.

Um grande sucesso, sem dúvida, a ser comemorado no centenário da imigração. ■

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

Produzir

Celeiro de líderes



Cesário Ramalho da Silva*

A SOCIEDADE Rural Brasileira completa neste mês 88 anos dedicados à agropecuária. Quase um século de trabalho pautado pela independência, ética, transparência, vanguarda e comprometimento. Esses valores formaram a credibilidade da entidade. Na comemoração dos seus 85 anos, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso disse: “Confio em um país que comemora 85 anos de uma instituição. Poucos têm esta honra. Não existem nações desenvolvidas sem instituições fortes.”

O impulso ao desenvolvimento sócio-econômico do Brasil, com base na geração de renda, riqueza, oportunidades e empregos pela agropecuária, foi construído por legítimos representantes da classe rural. O legado da **SRB** como celeiro de líderes pode ser medido pelo conjunto de seus membros que ascenderam a cargos públicos. No mais recente caso, João de Almeida Sampaio Filho licenciou-se da presidência para assumir a Secretaria da Agricultura de SP.

Outros exemplos recentes são os ex-presidentes Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura do governo Lula, e Pedro de Camargo Neto, secretário de Produção e Comercialização do MAPA, na gestão FHC. Registro ainda para membros do Conselho e diretores, como Lineu Carlos da Costa Lima, atual secretário de Produção e agroenergia do MAPA, e Cláu-